

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A "GERMANIA" DE TÁCITO.

SCHULTEN, Adolf

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

SCHULTEN, Adolf, A "Germania" de Tácito. *Revista de Guimarães*, 59 (1-2) Jan.-Jun. 1949, p. 9-32.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A «GERMÂNIA» DE TÁCITO (1)

POR ADOLF SCHULTEN

Dedicado a "Thusnelda,, (?)

Pela designação corrente de «Germânia» é conhecido um opúsculo sobre os Germanos, monumento eterno consagrado ao nosso povo por Tácito, o maior dos historiadores romanos. O seu verdadeiro título deduz-se porém do manuscrito: «*De origine et situ Germanorum*» («Sobre o país e origem dos Germanos»), conforme a expressão que o próprio Tácito emprega, no fim da parte geral da «Germânia» (Cap. 27), quando diz «*De omnium Germanorum origine et moribus*» («Sobre o origem e costumes de todos os Germanos»), tal como, acerca da Britânia (Agrícola, Cap. 10), escreveu «*Britanniae situm populosque*».

Tem sido muito discutido o fim com que a «Germânia» foi escrita, mas a opinião geralmente aceite é que Tácito, perante a desmoralização dos costumes romanos, que já no seu tempo era grande, quisesse apresentar um espelho de costumes modelares, pondo em evidência a inteireza de carácter dos Germanos, realçando a sua honradez, a conduta elevada da mulher, a sua lealdade, etc., embora apontando também os defeitos destes povos, tais como o vício da embriaguez, a fúria cega do jogo, e o hábito de brigar.

Como Tácito escreveu a «Germânia» no ano 98 de J. C., quando o imperador Trajano ocupava então o Reno, e ela teve toda a actualidade, o seu fim principal terá sido descrever esse povo admirável contra o qual Roma combatia inútilmente há 210 anos (Cap. 37), para que esta se acautelasse de tão poderoso inimigo. Sob este aspecto, a «Germânia» pode considerar-se

um folheto de natureza política. Mas além disso, nessa época de elevada cultura em que Tácito viveu, estavam muito em voga as descrições de povos selvagens.

Seja como for, os descendentes actuais dos antigos Germanos têm toda a razão para serem gratos a Tácito pela detalhada descrição que este fez dos seus remotos avós. Porque, na verdade, nenhum outro povo «bárbaro» alcançou ainda descrição tão minuciosa e laudatória, de mais a mais feita por um grande historiador, orgulhoso da sua Cultura superior, e falando de bárbaros, que era gente desprezível para Gregos e Romanos. Muitos povos foram retratados pelos escritores antigos, mas somente aos Germanos foi consagrado um livro especial.

A descrição de Tácito revela-se fiel à verdade. É evidente que ele se serviu das melhores fontes escritas, como dos «Vinte livros das guerras germânicas» de Plínio, que utilizou nos Anais, na parte relativa às guerras com os Germanos, e também das fontes orais, ou seja, das narrativas e descrições fornecidas pelos legionários romanos e pelos mercadores.

Não é meu intuito referir-me neste lugar, com minúcia, a todo o texto da «Germânia», que durante muitos anos leccionei aos meus alunos, mas tão somente pretendo destacar para aqui o que ela contém de interesse geral.

Tácito, aludindo ao país dos Germanos, apresenta-nos uma *informem terris, asperam coelo, tristem cultu aspectuque*, isto é, «terra feia, de um clima áspero, triste na cultura e no aspecto», e acrescenta: «Quem deixaria a Ásia, a África (Norte de África, entende-se), a Itália pela Germânia, a não ser aqueles de quem ela constitui a pátria?» Nestas palavras transparece todo o amor dos meridionais às ricas e formosas regiões mediterrâneas, e o seu horror ao frio e à desolação do norte. Por isso ele diz, no Cap. II, e insiste no Cap. IV, que os Germanos ocupavam a Germânia desde tempos imemoriais, e que nunca se mesclaram com outros povos. Isto conclui do conjunto das suas características comuns, que ele descreve assim: «de olhos azuis, altivos, e cabelos ruivos, são homens de grande corpulência, capazes, no primeiro ímpeto, de um es-

forço formidável, mas não manifestam persistência no labor pacífico ou nos trabalhos militares, e não suportam o calor nem a sede, conquanto, adaptados ao seu áspero clima e à escassez do país, resistam ao frio e à fome». Esta suposição de Tácito de que os Germanos eram racialmente puros é um erro, visto que, desde as mais remotas idades, sempre os povos se misturaram; e o próprio Tácito salienta, aliás, as características meridionais de diversas tribos germânicas. Ainda hoje, no sul da Alemanha, predominam tais vestígios da raça pré-indogermânica, a pequena estatura e os cabelos e olhos escuros, tal como já outrora devia suceder. Mas certamente o elemento loiro, que hoje se limita ao norte, estaria naquele tempo mais espalhado do que actualmente. Referindo-se à cor do cabelo, Tácito classifica-o de ruivo (*rutilus*), ao passo que outros autores o apontam como loiro (*flavus*); esta aparente divergência concorda afinal com o que ainda hoje acontece, pois se encontram na Alemanha todas as colorações de cabelos, desde os mais claros, quase brancos, até os de cor castanha. Em todos os tempos o cabelo loiro tem sido especialmente apreciado; nos povos do sul era raro, e as damas romanas chegavam a usar cabeleiras de cabelos germânicos, à semelhança das espanholas de hoje, que fazem tingir de loiro os seus lindos cabelos negros ⁽³⁾.

Uma das mais acentuadas características dos Germanos — a pele branca e fina, não foi mencionada por Tácito, sendo porém confirmada por outros autores.

Dava também na vista, a maior parte das vezes, a elevada estatura dos Germanos, chegando a atingir 7 pés (2^m,31), enquanto que os Romanos não excediam 5 (1^m,65). Ainda hoje os Frísios orientais, no Mar do Norte, são os maiores homens que existem (e não os Patagónios) ⁽⁴⁾. Por todas estas características somáticas se aproximavam os Gauleses dos Germanos; porém, sob o ponto de vista psíquico, diferiam deles totalmente.

No Cap. II diz Tácito que o nome de Germanos é de origem gaulesa, nome que os gauleses haviam dado à tribo germânica dos Tungros (correspondente ao topónimo Tongres, cidade belga) ⁽⁵⁾, a primeira que atravessou o Reno e invadiu a Gália. Mais tarde foi esse

nome estrangeiro adoptado pelos próprios Germanos, e assim o nome de uma única tribo se tornou extensivo a todo o povo (6). Com efeito, «Germani» parece ser uma palavra gaulesa, porque a terminação «-mani» encontra-se nos nomes de diversas tribos gaulesas, como no dos Ceno-mani e dos Poe-mani, e bem assim no da tribo germânica dos Marco-mani. A raiz *Ger-* não se encontra ainda esclarecida.

No Cap. V, é o país descrito com precisão: «O país, posto que apresente diversidade de aspectos,



Fig. 1 — Floresta germânica, a «*horrida silvis*» de Tácito.

é em geral coberto de florestas medonhas ou de feios pântanos (*horrida silvis aut paludibus foeda*), úmido do lado das Gálias, ventoso das bandas da Nórícia (Estíria) e da Panónia (Hungria), fértil em cereal, mas escaço em árvores de fruto, rico em gados, mas de má qualidade». Por cereal entendia-se especialmente a aveia; as papas de aveia eram, segundo Plínio (Nat. Hist. 8, 149), o alimento principal dos Germanos. O centeio, hoje o cereal principal, só mais tarde foi mencionado. A cevada e o trigo são citados por Tácito, apenas como elementos para o fabrico da cerveja.

A Germânia, *horrida silvis aut paludibus foeda*, modificou-se por completo em seu proveito, nos 2000 anos decorridos após esta descrição, e a floresta virgem e os pântanos ou terrenos alagadiços transformaram-se em terras cultivadas. Na expressão *horrida silvis* transparece toda a repulsa dos Romanos pelas florestas, que no seu país há muito haviam destruído, enquanto que para os Germanos elas eram consideradas sagradas e tidas como a morada dos deuses. Que, inicialmente, as árvores de fruto chegaram à Alemanha por intermédio dos Romanos, verifica-se por alguns nomes de origem latina dados a certos frutos, tais como: Birne (pera), de *pirum*, Pfirsich (pêssego), de *persicum*, etc.

Cap. VII. «Os reis são escolhidos pela nobreza da sua linhagem, os chefes pela sua valentia. Mas o poder desses reis não é ilimitado, e a autoridade dos chefes apoia-se mais no próprio exemplo do que na prerrogativa do mando. Apenas os sacerdotes podem punir, como representantes da divindade, que, segundo as suas crenças, preside aos combates. O principal estímulo da valentia reside no facto de as formações de combate serem constituídas por membros da mesma família e clans, podendo assim cada qual ouvir durante a luta os gritos das suas mulheres e os gemidos dos próprios filhos. As mulheres convertem-se deste modo nas suas mais caras testemunhas durante o combate, e delas lhes vem o mais apreciado elogio. Perante as mães e esposas ostentam suas feridas, que elas contam e examinam, fortalecendo-os ao mesmo tempo com alimentos e palavras de incitamento.»

Cap. VIII. «Conta-se que certas tropas, já recuando no combate, foram detidas pelas súplicas veementes das mulheres, que lhes opunham o próprio peito e lhes lembravam a ameaça do cativo iminente, que eles receiam, mais por elas do que por si próprios. Por isso aquelas tribos são mais facilmente dominadas quando lhes retemos, como refens, donzelas de condição nobre. Consideram as mulheres como criaturas sagradas e que dispõem do condão da profecia, nunca desprezando por isso o seu conselho. Deste modo foi Veleda, no tempo de Vespasiano, largamente considerada, por muitos, como um ser divino.»

De igual forma veneraram outrora Albruna e outras, mas não por mera adulação, ou porque eles próprios houvessem convertido em deusas simples mulheres mortais (tal como fizeram os Romanos, por exemplo, à imperatriz Lúvia, esposa de Augusto)». Além dessa



Fig. 2 — *Veleda, profetisa dos Germanos.*

conhecida profetiza Veleda, figura no manuscrito o nome de *Aurinia* ou *Albrinia*, que o germanista W. Wackernagel mudou para *Albruna*, de *alb*=Elfe (fada), e *runa*=Geheimnis (mistério), de modo que aquele nome significaria «Zauberelfe» (fada mágica). Veleda

tornou-se conhecida durante a guerra batávica (70 de J. C.). Residia numa torre, no Lippe, e caiu prisioneira dos romanos (?). Além destas, duas outras profetisas ficaram célebres: uma certa «Walburg», que fazia parte da comitiva de um governador romano do Egito, e Ganna, junto dos Senones. Esta passagem do texto alude, pela primeira vez, ao elevado conceito em que era tida a mulher, entre os Germanos. Facto que surpreendia os próprios Romanos, se bem que para estes a mulher já ocupasse um lugar mais alto do que a grega, ou do que as orientais.

Cap. IX. «De entre todos os seus deuses, é Mercúrio (Wotan) o mais venerado, ao qual em certos dias consagram sacrifícios humanos. Acalmam Hércules (Donar) e Marte (Ziu) com sacrifícios de animais. Não consideram digno da grandeza celestial manter os deuses encerrados num templo e dar-lhes a forma humana. Ao contrário, concedem-lhes por morada os bosques e florestas, e esses deuses são seres misteriosos, que somente têm existência na profunda veneração que lhes dedicam».

No Cap. X é apontado o modo como os Germanos reconhecem a vontade dos deuses: utilizam uns pauzinhos tendo incisos determinados sinais, lançando três, de entre eles, à sorte, sobre um pano branco; depois, conforme os sinais que eles contêm, assim se tira a interpretação respectiva. Estes sinais, chamados *runas* (em antigo alemão, *runa* significa mistério), não eram letras, que só posteriormente adoptaram dos Romanos. Da acção de gravar estes sinais rúnicos, derivou a palavra inglesa *write* («ritzen», arranhar), que significa escrever; e, no nosso vocábulo «Buch-stabe» (letra), subsiste ainda a lembrança das tais varinhas, de madeira de faia (*Buche*).

Além deste sistema de oráculo, por meio da sorte, que não era usado pelos Romanos, também os Germanos conheciam os vulgares «auspícios» dos Romanos, tirados do voo de certas aves. Serviam igualmente de oráculo o relinchar dos corceis sagrados, bem como a decisão de um combate singular travado entre um Germano e um prisioneiro de guerra⁽⁸⁾.

Cap. XI. «Sobre assuntos de pequena importância, deliberam os chefes (*principes*); sobre os mais graves,

toda a assembleia do povo, depois de previamente discutidos pelos chefes. A assembleia reúne-se na ocasião da lua nova, ou da lua cheia». A convicção de que o crescente é benéfico, ainda hoje é vulgar no país ⁽⁹⁾; assim, entre nós, é escolhida a ocasião da lua nova para a plantação de árvores, início da construção de uma casa, e até para o próprio casamento, ao passo que o quarto minguante parece ser propício ao corte das árvores e a várias outras coisas. O próprio Bismarck, a quem os fenómenos naturais despertavam grande interesse, tinha fé nestes preconceitos. O que aos Romanos, habituados à disciplina, causava estranheza era que os Germanos ligassem tão pouca importância à pontualidade, que fossem precisos, muitas vezes, dois e três dias para conseguir reunir o povo convocado. Também estranhavam que os Germanos para tal efeito, comparecessem com as suas armas — enquanto que eles, em Roma, só em tempo de guerra as usavam — e admiravam-se igualmente de que, naquelas assembleias, o povo assistisse sentado, e não de pé como em Roma. «Então, após os sacerdotes terem pedido silêncio, o rei ou o chefe são escutados. O sinal de apoio é traduzido pelo bater das lanças umas nas outras; o alarido é manifestação de desagrado». Além do entrechocar das armas, era sinal de manifesto aplauso o bater com os pés — uso mantido ainda hoje entre os nossos estudantes ⁽¹⁰⁾. Também esta manifestação ruidosa da opinião popular era desconhecida entre os Romanos.

Cap. XII. Sobre a punição dos crimes e delitos graves pronunciava-se também a comunidade, sendo a traição à pátria punida com a força, e a pederastia (que entre os Gauleses era vulgar, e muito rara entre os Germanos) castigada também com a morte, mas por submersão na lama de um pântano, que era uma pena aplicada às mulheres. Os delitos menores eram punidos com multas de gado.

Cap. XIII-XIV. Novamente se acentua, neste ponto, o facto de os Germanos andarem constantemente armados, enquanto que em Roma o território pacífico estava nitidamente diferenciado da zona de guerra (*domi — militiae*), e em Itália nenhum cidadão

andava armado. A própria admissão de qualquer jovem germano na assembleia do povo era considerada um acto militar, simbolizado na cerimónia da entrega da lança e do escudo, ao passo que os jovens romanos, nessa ocasião, trocavam simplesmente o vestuário dos moços (*toga praetexta*) pelo dos homens (*toga virilis*). Estranhável, de um modo geral, mas especialmente para os Romanos era que, entre os Germanos, o exército não fosse um organismo do Estado, sob o ponto de vista militar, mas apenas um agrupamento de famílias e clans, que não dispunha de classe alguma de oficiais ou corpo directivo, sendo tão somente constituído pelos chefes (*principes*) com a sua comitiva (*comites*), ao mesmo tempo que não estava preso a qualquer juramento público (*sacramentum*), mas simplesmente à lealdade pessoal devida ao chefe. Enquanto o soldado romano combatia pelo Estado, o Germano combatia pelo chefe, que defendia, e ao qual não era lícito sobreviver. Deste modo, nenhuma alimentação ou soldo o guerreiro recebia do Estado, sendo mantido pelo chefe, dos bens deste ou dos despojos da guerra. O pessoal da comitiva (*comitatus*) é descrito por Tácito circunstanciadamente, em dois capítulos (13 — 14), por isso que era uma organização inteiramente desconhecida de Romanos e Gregos. Apenas entre os Iberos se encontrava coisa semelhante, os *soldurii* ⁽¹¹⁾, organização diferente da dos Gauleses, onde a comitiva era de compelidos (*clientes*), e não de homens livres, como a dos Germanos e Iberos. Se em Roma a iniciativa da guerra pertencia absolutamente ao Estado, entre os Germanos existia também a guerra particular, na qual se ocupavam os jovens da nobreza, quando, aborrecidos de uma paz prolongada, se iam incorporar em guerras de tribos estrangeiras.

Cap. XV. «Quando não há guerra alguma, dedicam-se um pouco à caça, mas em geral entregam-se à indolência, comendo, bebendo e dormindo. Entretanto, o governo da casa é deixado às mulheres, aos velhos, ou aos mais fracos da família» ⁽¹²⁾. Tácito acha paradoxal que os mesmos homens que, por um lado, tanto aborreciam a tranquilidade da paz, ao mesmo tempo tanto amassem a preguiça (*cum iidem homines sic ament inertiam et oderint quietem*).

Cap. XVI. Os Germanos não conheciam as cidades, nem tão pouco aldeias com moradas contíguas; ao passo que, tanto os Romanos como os Gregos e os orientais, habitavam cidades fortificadas, e, quer nas aldeias, quer nas cidades, as casas eram juntas, tal como hoje. Pelo contrário, entre os Germanos, cada casa estava distanciada das restantes, à maneira dos casais isolados, como ainda actualmente acontece na



Fig. 3 — *Caçada ao urso.*

Vestefália, ou como nas aldeias, onde também frequentemente as habitações se encontram separadas umas das outras por grandes intervalos ⁽¹³⁾. Nas seguintes palavras descreve Tácito aquela disposição predominante, das casas dispersas: «Vivem separados, e cada qual escolhe o lugar que mais lhe agrada, junto de certa fonte, ou campo, ou bosque». Esta maneira isolada de viver, peculiar do temperamento germânico, impressionava o sociável Romano. E ainda hoje, na

Inglaterra, cada operário dispõe da sua pequena casa própria. A casa germânica primitiva não era de pedra, como a dos Gregos e Romanos, mas simplesmente de madeira; as pedras trabalhadas e a telha não eram materiais conhecidos. Com os Romanos aprenderam os Germanos, pela primeira vez, a construção de pedra, razão pela qual a palavra «Mauer» (muro) vem de *murus*, «Ziegel» (telha) de *tegula*, e «Kalk» (cal) de *calx*. No período clássico, pelo menos, as populações do oriente e do sul construíam com pedra, enquanto que as do norte continuavam a edificar com madeira, tal como ainda hoje na Suécia, onde até as próprias igrejas são de madeira. «Por vezes, os Germanos também habitam cavernas subterrâneas, que cobrem com uma capa de estrume, quer para se defenderem do frio, quer para armazenarem nesses abrigos as suas provisões» (14). E como, no antigo alemão, *tunc* = Dung (esterco) também significa quarto ou aposento de fiandeiras, depreende-se que naqueles abrigos subterrâneos viviam e trabalhavam especialmente as mulheres.

Cap. XVII. «O seu vestuário consiste numa simples capa ou manto (*sagum*), seguro por uma fivela ou por um colchete», enquanto que os Romanos e Gregos usavam roupa exterior e interior: *toga* e *tunica*. A velha designação germânica dessa capa ou manto é-nos desconhecida (a palavra alemã «Mantel» derivou do lat. *mantellum*); os gauleses chamavam-lhe *sagum*. «Os mais abastados também usam roupa interior, não farta ou solta como a dos Sármatas e dos Partos, mas justa ao corpo (calças). As mulheres vestem-se como os homens, com a diferença de que as suas roupas são de linho (as dos homens, de lã), que elas adornam com guarnições vermelhas». O uso das calças pelos Germanos e Gauleses está confirmado em Roma, na Coluna de Marco Aurélio. O poeta Lucano diz (14, 30) que os Vangíones germânicos usavam *bracas*, calças, como os Sármatas, o que concorda com o texto de Tácito; e Agathias, um autor grego do séc. VI de J. C., afirma que os Francos usavam calças de linho ou de peles. É possível que os Germanos herdassem este uso dos Gauleses. Quando Tácito diz que as mulheres se vestiam como os homens, refere-se evidente-

mente ao vestuário externo; mas, por um baixo-relevo de Mogúncia, verifica-se que também algumas mulheres usavam calças. A calça era, em gaulês, designada *braca* (= ao inglês *breach*). Os Gregos e Romanos desconheciam o seu uso, mas os soldados romanos adoptaram os calções dos Celtiberos durante a guerra na fria Meseta espanhola ⁽¹⁵⁾. «O vestido das mulheres não tem mangas, de modo que os braços andam nus, bem como a parte superior do busto. Contudo, os casamentos são honestos, e nenhum outro dos seus costumes é digno de maiores elogios. Em contraste com os outros Bárbaros, contentam-se com uma única mulher, à excepção de alguns, poucos, que, apenas por uma distinção da classe nobre a que pertencem, e não por sensualidade, tomam posse de várias mulheres». Assim, por exemplo, o rei germânico Ariovisto, vencido por César, tinha duas esposas, uma, sueva, pertencente à sua mesma raça, outra que era irmã de um rei da Nórica.

Cap. XVIII. «Não é a mulher quem traz o dote ao marido, mas sim este que o dá à mulher». Tácito designa aqui por «dote» os presentes por meio dos quais o homem adquiria a mulher, constituídos por gado, cavalos e armas. E interpreta assim o simbolismo daquela oferta de armas: «a mulher fica por esta forma na obrigação de partilhar com o marido de todos os perigos».

Cap. XIX. «Assim vivem as mulheres, em bem comprovada virtude, e não são corrompidas em espectáculos sensuais ou lúbricos festins. O segredo da escrita é desconhecido do homem e da mulher». Tácito queria referir-se especialmente às cartas amorosas, que entre os poetas romanos, em Ovídio por exemplo, ocupavam um papel de destaque. E daqui a sua alusão ao desconhecimento da escrita pelos Germanos, que só mais tarde aprenderiam dos Romanos. «O adultério, raríssimo, é castigado directamente pelo marido. A adúltera é escorraçada de casa, com os cabelos cortados, nua, e açoitada, diante dos parentes, através da aldeia. Para a falta de honestidade não há perdão possível, e a mulher infiel, por maior que seja a sua beleza, juventude ou riqueza, não encontra outro marido. Ninguém ali graceja de tais faltas e, entre

eles, corromper ou deixar-se corromper não é considerado «moda» (*nec corrumpere et corrumpi saeculum vocatur*). Reduzir por qualquer processo o número dos filhos ou provocar a morte de um recém-nascido (para não prejudicar outros herdeiros já existentes), era considerado um acto criminoso».



Fig. 4 — *Família germânica.*

Cap. XX. «Deste modo se criam os filhos na casa paterna, vivendo junto dos animais, e, sujos e nus, sobre o solo, adquirem as fortes compleições que admiramos, tanto nos homens livres como nos escravos. Só tarde os jovens conhecem as relações sexuais, e daí deriva a sua forte virilidade. Por seu lado, as raparigas não casam tão cedo como em Roma, o que contribui para igual pujança de mocidade e desenvolvimento físico. E assim se realiza a união de

jovens e raparigas com igual saúde e força, herdando os filhos a robustez e o vigor dos pais. O irmão da mãe é tão considerado como o próprio pai». Este facto surpreendia o Romano, porque em Roma respeitava-se a linha paterna, enquanto que os direitos maternos germânicos, que já vinham de época remota, e portanto anterior à instituição do casamento, tinham sua razão de ser, visto que então a liberdade de relações sexuais era causa frequente de os filhos desconhecem o pai; ao passo que tanto a mãe como o irmão desta, natural tutor das crianças, eram sempre conhecidos (¹⁶). Igualmente em Roma, nos antigos tempos, o tio materno, *avunculus*, tinha superioridade sobre o tio paterno, *patruus*, porque *avunculus*, significa «avosinho», de modo que o tio materno era considerado quase igual ao avô. E, como entre os Germanos não existia o testamento, os herdeiros eram os do mesmo sangue, a começar pela linha masculina.

Cap. XXI. «Tanto as inimizades como as amizades passam de pais a filhos; porém, até o próprio homicídio de um membro da família é resgatado com a entrega de gados». A vingança de uma morte é considerada um dever, de harmonia com o ditado que diz «olho por olho, dente por dente», mas no tempo de Tácito já esse crime se expiava com a multa de gados. «Agasalho e comida aos hóspedes dispensam eles mais do que qualquer outro povo. E' considerado um pecado recusar a alguém a sua casa, e quando qualquer forasteiro é recebido e o seu hospedeiro o conduz a outra casa, ali lhe é dispensado o mesmo hospitaleiro acolhimento».

Cap. XXII. «Logo que se levantam da cama, que eles só abandonam muito depois do romper do dia, lavam-se, e quase sempre em água quente, porque ali o inverno prolonga-se pela maior parte do ano». E' de estranhar que Tácito nos diga que os Germanos, ao levantar, tomavam banho quente, quando é sabido que, tanto outrora como ainda hoje, predominou entre eles o gosto pelos banhos frios de rio. Mas, talvez Tácito tenha justificação, pois sendo a palavra alemã «Bad» (banho) derivada de «bâhen» (aquecer), deprenderia que tanto era costume banharem-se em água quente como fria, «Em seguida ao banho, co-

mem, para o que cada qual se senta a sua mesa própria». Ao contrário, os Gregos e os Romanos da época clássica deitavam-se para comer, reunidos a uma mesa comum (*triclinium*). Entre os Germanos havia duas refeições: a da manhã, logo após o levantar, e a refeição principal, ao anoitecer. Em Roma tomava-se o almoço ao meio dia, como ainda hoje. «Depois vão tratar da sua vida quando não, a maior parte das



Fig. 5 — Ingresso de «caloiros» nas Universidades alemãs, no séc. XVII, submetidos às praxes académicas.

vezes, beber, e armados» — o que aos Romanos causava grande estranheza. «Ninguém acha escandaloso beber todo o dia e toda a noite». Tal qual hoje! O uso imoderado da bebida entre os Germanos transmitiu-se aos seus netos, e já Martin Lutero condenava os «vollen und tollen Deutschen» (os alemães fartos e loucos), e os nossos estudantes criaram um culto formal à bebida, a que não faltam extravagantes praxes («Komment»), existindo igualmente um grande número de canções báquicas, para cujo repertório muito contribuiu principalmente Victor Scheffel, como também Goethe, um pouco, com o seu «Ergo bibamus», e von Mühler, ministro do culto prussiano, com o «Grad aus dem Wirtshaus komm ich heraus» (Venho agora mesmo da taberna). «Essas libações levavam a fre-

quentes rixas, que raras vezes se limitavam às injúrias (como em geral acontecia entre a gente do sul), pois eram muitas vezes a causa de graves ferimentos e assassinatos». De homicídios durante os banquetes não faltam testemunhos históricos, e entre os Frísios, a mulher, quando assistia a um casamento, levava logo consigo, para todas as eventualidades, a mortalha do seu homem! Na Canção dos Nibelungos diz-se, a propósito do hábito de insultar: «Aos amados heróis não é lícito insultarem-se, porque isso só é próprio de velhas mulheres». «Mas, por outro lado, é sob a acção da bebida que eles se reconciliam, esquecendo inimizades pessoais, e é nessa ocasião que eles discutem também as coisas da guerra e da paz, como se nenhuma outra fora mais propícia à sinceridade das suas opiniões, ou ao entusiasmo indispensável às grandes resoluções». Mas só no dia seguinte, passados os fumos da embriaguez, era o momento azado para os ajustes definitivos: «Discutem quando não sabem fingir, e resolvem quando não podem errar». Beberões, como todos os povos indo-germânicos, foram também os Gregos e os Romanos, mas geralmente o meridional era, e é, mais sóbrio na bebida. Não se deve todavia esquecer que o homem do norte necessita de bebidas que o aqueçam e alegrem, no seu frio e triste clima, circunstância que aliás consideramos apenas uma explicação do facto, e não a desculpa para um excesso.

Cap. XXIII. «Eles usam como bebida um suco de cevada, que tem certa semelhança com o vinho». Por esta estranha descrição aludia o Romano à bebida nacional germânica, a cerveja, para a qual não dispunha de palavra alguma adequada. A cerveja era também entre outros povos, especialmente do norte, a bebida nacional, a que os Gauleses chamavam *cerevisia*, e os Celtiberos *cerea* (17). A origem do nome alemão «Bier» ainda não foi averiguada. Por esta palavra era designada a bebida mais forte, preparada com lúpulo, enquanto que a feita sem lúpulo, chamada *alu* (em inglês *ale*), correspondente ao latim *alere* (alimentar), significava a bebida «alimentícia». O hidromel, fabricado com mel e vinho, ou água, bebida primitiva que Tácito não menciona, porque já então era rara, tem-se

mantido na Suécia, onde a saboreei na companhia dos estudantes da Universidade de Upsala. Tácito acrescenta: «Os Germanos que habitam junto do Reno também compram vinho. Quando se satisfaz o seu vício da embriaguez, e se lhes fornece tanta bebida quanta eles desejam, podem vencer-se tão facilmente por meio da exploração desse vício, como pelas armas». Eis uma frase muito própria de Tácito! Amantes do



Fig. 6 — Banquete germânico.

vinho não eram somente os Bárbaros do Norte, tais como os Germanos e Gauleses, mas também os Iberos. O vinho foi introduzido pelos mercadores orientais, e era um produto caro. «Os seus alimentos são simples e consistem em caça fresca, frutos silvestres e leite coalhado». O alimento principal dos Germanos era a carne, que, ou comiam crua, ou muito fresca, enquanto que os Romanos a preferiam menos fresca. Ainda hoje o francês aprecia o «haut goût», ao contrário do inglês e do espanhol que preferem a carne fresca, ou até crua. Plínio, que pessoalmente conheceu as populações do Reno, informa que também as papas de farinha de aveia constituíam um dos principais alimentos dos Germanos. Também actualmente nas regiões renanas se dá ainda preferência às plantas

alimentares, enquanto que os alemães do Norte e os Bávaros são carnívoros.

Cap. XXIV. *Jogam aos dados quando não estão embriagados, como se isso fosse a coisa mais séria deste mundo, e com uma tal paixão que, depois de perderem todos os bens, empenham, por último, a sua liberdade e o próprio corpo. E então o vencido entrega-se voluntariamente à escravidão. Tão forte é entre eles o sentimento da lealdade, que, mesmo quando esta se lhes torna prejudicial, a respeitam* (18). Dessa fidelidade se orgulhavam os Frísios: *«nullos mortalium armis aut fide ante Germanos esse»*. (TÁC. Ann. 13, 54). Quanta vida próspera, desde então até hoje, não tem sido aniquilada na Alemanha pelas dividas do jogo!

A parte geral da Germânia (Cap. I — XXVII) termina, no Cap. XXVII, com a descrição dos funerais. Sobre a pira não se depunham, como em Roma, roupagens preciosas e perfumes, mas as armas do guerreiro, que até na morte o acompanhavam (19).

De todas as características dos Germanos, salienta assim o Romano principalmente: como virtudes — a pureza dos costumes, em especial a do casamento, e a lealdade aos príncipes; e como defeitos — o vício da bebida e a fúria do jogo, a tal ponto de nele perderem a própria vida, sob uma falsa noção de fidelidade.

Por sua vez, a parte especial do opúsculo, que se ocupa das diversas tribos (Cap. XXVIII-XXXVI) contém também muitas coisas de interesse geral.

Para César (B. Gall. 6, 24) os Gauleses, primitivamente, eram mais fortes do que os Germanos. Conclusão errónea, tirada da existência de elementos gauleses na margem direita do Reno, que não representavam os vestígios de uma invasão de Gauleses na Germânia, mas apenas o facto de alguns grupos de nómadas gauleses, emigrando de oriente para ocidente, haverem parado naquela região da direita do Reno. Pelo contrário, é indiscutível que os Germanos foram sempre considerados mais poderosos que os Gauleses. Ainda no tempo de César permaneciam na Bélgica gaulesa cinco tribos germânicas, e na região à esquerda do curso superior do Reno existiam três, os Vangiones, os Tribocos e os Nêmeses.

Diz Tácito que a tribo dos Úbios havia passado, em tempos idos, para a margem esquerda do Reno, e que ali, convertidos em vassallos dos Romanos, preferiram, em vez do nome de «Úbios», chamar-se «Agrippinenses», da designação da sua capital, a romana «Colonia Claudia Ara Agrippinensis», actualmente Köln (de *colônia*). No ano 38 a. C. transferiu Agripa os Úbios para a margem esquerda, a fim de os livrar da perseguição dos seus vizinhos. A romana Köln, fundada no ano 50 de J. C., tomou aquela designação do nome do Imperador Cláudio, da sua esposa Agripina (mãe de Nero), lá nascida, e do altar (*ara*) que ali existia, e constituía o centro religioso da Província Germânia da esquerda do Reno, perdida a parte da direita, após o desastre da batalha contra Varo (9 de J. C.). Como habitavam junto do Reno, os Úbios foram primeiramente influenciados pela cultura gaulesa, sofrendo depois a forte influência romana, de modo que as suas afinidades com Roma, conquanto não fossem para louvar, eram todavia compreensíveis. Facto comparável foi o da «Confederação do Reno», resultante da rendição, sob Napoleão, dos três estados alemães do sul — Baden, Baviera e Württemberg. Se bem que os únicos responsáveis por essa queda fossem os seus chefes, que por tal preço compraram para si o trono.

Os Batavos (da Holanda) são especialmente elogiados por Tácito, bem como os Maticos (do Rheingau), cuja vivacidade, maior do que a dos restantes Germanos, ele atribui à influência de um clima benigno e de um solo mais rico. Por esta mesma característica se distinguem ainda hoje os habitantes do Reno dos outros alemães, factos que devemos relacionar não tanto com a acção do clima ou do vinho generoso da região, mas sim com a sua mescla romana e pré-romana. Da região renana era também oriundo Goethe, o maior poeta da Alemanha, que física e espiritualmente tinha um pouco de meridional, e, sob a influência dos moldes clássicos, elevou a língua alemã, com a «Ifigénia em Taurida», o «Torcato Tasso» e as «Elegias romanas» à maior beleza. Semelhantes aos Maticos foram considerados os Catos, dos quais descende a actual população de Hessen, dizendo-se que eles possuíam uma compleição mais rija e tinham

mais vivacidade do que os restantes Germanos, com seu alentado corpo e carácter fleugmático. Esta feição meridional dos Maticos e dos Catos deve atribuir-se menos à influência da Romanização, do que à sua própria origem, entroncada na raça do sul, dos remotos tempos pré-germânicos, ainda hoje reconhecível no sudoeste da Alemanha.

O que no Cap. XXXIII se diz a respeito dos Bructeros da Vestefália é das passagens mais importantes da «Germânia». A informação de que os Bructeros haviam sido aniquilados pelos seus vizinhos, acrescenta Tácito esta invocação ou imprecação: «Oxalá que as tribos germânicas continuem a odiar-se mutuamente (*odium sui*)!» Esta maldição cumpriu-se. Há 2000 anos as tribos germânicas digladiavam-se, e, enquanto umas defendiam o solo da pátria, outras aliavam-se a Roma. Nesses tempos, Flavo, a soldo de Roma, combatia o seu irmão Armínio, o vencedor de Varo; e Marbod, o chefe dos Germanos do sul, combatia os Germanos do noroeste, comandados por Armínio. Mais tarde combateram Francos contra Visigodos. Na Idade-Média vemos os príncipes alemães rebelarem-se contra os seus reis, e nas duas guerras mundiais do século XX, ingleses e americanos, ambos, na essência, povos de origem germânica, aniquilam a Alemanha. Assim tem perdurado até os nossos dias o «*odium sui*»! Aquelas palavras da «Germânia», que deviam estar sempre gravadas no espírito de todos os alemães, não são tão conhecidas como mereciam!

Na região dos Frisios (Cap. 34), no Mar do Norte, menciona Tácito as «Colunas de Hércules», que eram os rochedos de Heligoland. Aquela designação, a mesma dos dois montes do Estreito de Gibraltar, teria sido levada pelos mercadores de Massália, que ali iam comprar o âmbar.

Dos Cheruscos, que aliás na batalha contra Varo infligiram a Roma uma das maiores derrotas que esta sofreu, conta Tácito (Cap. 36), com regozijo, que eles foram aniquilados pelos Catos. Novo testemunho do «*odium sui*»!

Aos Cimbrós, os primeiros de todos os Ger-

manos que combateram Roma e derrotaram cinco grandes exércitos, consagra Tácito (Cap. 37), nesta curta frase, a mais bela memória: «*parva nunc civitas, sed gloria ingens* (agora um pequeno povo, mas com fama eterna). Em seguida, enumera os triunfos dos



Fig. 7 — Combate contra os Romanos.

Germanos, a vitória dos Batavos comandados por Civilis, no ano 70 de J. C., e fecha esta relação com a seguinte expressiva frase: «Tanto tempo levou a vencer a Germânia» (*tam diu Germania vincitur*). Na Jutlândia localiza Tácito (Cap. 40) os Anglos, pequena tribo que foi a primeira a emigrar para a Britânia, e de cuja designação esta Ilha tomou depois o grande nome de «Inglaterra».

Referindo-se ao Elba (Cap. 41), que até ao tempo de Tibério fora ocupado, de sorte que Augusto o

considerava como a fronteira do Império Romano, diz Tácito (Cap. 41) com tristeza: «Um rio célebre, que outrora nos era conhecido; hoje conhecemo-lo apenas de outiva». Dos Estianos (Cap. 45) provém o topónimo Esthland, e Tácito regista o nome de *glaesum* que eles davam ao âmbar, nome que só mais tarde foi dado ao vidro.

Façamos a Tácito a justiça de concordar que ele descreveu os Germanos com objectividade. Os Germanos eram para ele um povo física e moralmente são, mas ainda no estado primitivo. Culturalmente eram muito inferiores aos Gregos e Romanos, mas moralmente eram-lhe superiores sob muitos aspectos. Primitiva era a sua vida quotidiana, que em geral se passava na maior inutilidade; primitiva a economia doméstica, que mais se baseava ainda na criação de gados do que na agricultura; e primitiva, acima de tudo, a organização do Estado. O povo dos Germanos compunha-se de numerosas tribos, que tinham nomes germânicos, ao passo que o nome genérico de «Germani» é de origem gaulesa, e só no século IX é que apareceu, em oposição à latina, a «língua nacional», designada pela palavra alemã *thiutisc* (em nórdico *tyisk*, e em italiano *tedesco*). Além dos conceitos de povo e tribo, havia designações abrangendo agrupamentos maiores, porém não tinham significado político, mas simplesmente geográfico (Ingévones = Germanos do Norte, Istévones = Germanos do Ocidente, Hermíones = Germanos do Oriente), tal como o nome de Suevos, que compreendia igualmente diversas tribos. A tribo, a parcela do povo, não era governada, como em Roma, por um Senado e magistrados, mas governa-se por si própria, reunindo duas vezes por mês, e deliberando sob a presidência dos chefes. Em lugar de funcionários públicos, que não existiam, havia os chefes dos *clans*, cada qual representando dois agrupamentos de famílias. Tácito dá aos chefes a designação de *principes* (caudilhos); o seu nome germânico é-nos desconhecido. Só as tribos orientais possuíam reis, ao passo que os Germanos ocidentais repudiavam a realeza, e tanto assim que Armínio foi morto pelos próprios parentes, por ter sido acusado de ambicionar a realeza⁽²⁰⁾. Onde

existiam reis, eram estes escolhidos entre os nobres, enquanto que, para a guerra, os mais valentes chefes eram elevados à categoria de «Herzöge» (duques). Mas o poder de mando, tanto dos reis como dos duques, era limitado. Em geral, as funções do Estado eram desempenhadas pelo *clan*. Este dirigia a vida do burgo, mas era também uma formação militar. A cidade, a centralização e unidade política, à maneira dos Gregos e Romanos, não existia. Havia somente aldeias abertas, nas quais cada habitação fazia a sua vida independente, e casais isolados. A religião rendia culto a diversas divindades. Mas, acima destas, existia ainda um ser supremo, inominado e sem representação figurativa. Os sacerdotes tinham maior autoridade do que entre os Gregos e Romanos, e dispunham até da faculdade da aplicação de penas. A guerra era resolvida pela comunidade, mas, além disso, havia também a guerra particular, a que alguns grupos se entregavam, por simples prazer. O armamento era pobre, porque o ferro escasseava. A lança (*framea*) era a arma ofensiva. As espadas eram raras; e, como arma defensiva, dispunham apenas de um escudo de madeira. Só os homens de categoria superior possuíam couraça e elmo. Infantes e cavaleiros combatiam juntos. Se bem que dispusessem apenas de pequenos cavalos, os cavaleiros germânicos eram tão hábeis, que César lhes ficou devendo a sua última e decisiva vitória sobre os Gauleses (52 a. C.) ⁽²¹⁾. Os Germanos eram um povo em armas, que jamais abandonavam, levando-as consigo até para o túmulo. No combate entoavam um canto de guerra, o «Barditus», que era uma espécie de grito selvagem. Os crimes a que correspondia a pena de morte eram julgados pela comunidade. Dentro da família, era o dono de casa quem administrava justiça e punia a esposa adúltera. A mulher era comprada, e o seu preço era pago em gado e armas. Disfrutava uma situação privilegiada, visto que lhe era atribuído o condão da profecia, escutando-se o seu conselho. A alimentação era simples, e mais importante que a comida era considerada a bebida, contra a qual não havia temperança possível. Em suma, os Germanos eram um povo no estado

natural, com grandes qualidades guerreiras, e algumas boas qualidades pacíficas.

Da descrição de Tácito, especialmente da sua admiração manifestada pelos 200 anos de lutas estéreis contra os Germanos, conclui-se que ele os temia, e neles previa a perda de Roma. De facto, foram os Germanos os destruidores do Império Romano, que, por fim, dominaram totalmente, a ponto de, por volta do ano 500 da era cristã, todos os países mediterrâneos estarem na sua posse. Mas, em seguida a esta inundação, a onda retrogradou, e novamente os Germanos foram repelidos e apertados no seu pobre e ingrato país, depois de peregrinarem, de terra em terra, durante 800 anos (*). A que atribuir isto? Em parte, certamente ao facto de os Germanos não se adaptarem ao clima do sul, e, gosando a riqueza que adquiriram, persistirem na sua velha intemperança; mas, muito principalmente, porque lhes faltou o tacto político. Em vez de constituírem uma nação, a Alemanha ficou dividida em centenas de territórios, e em Itália corria-se atrás do fantasma de um «Römisches Reich deutscher Nation» (Império romano de nacionalidade alemã), e ali se dispersaram as melhores energias. Nos tempos modernos, depois de Bismarck ter conseguido erguer, dentro de mais prudentes limites, um Império nacional alemão, ainda a incapacidade política dos seus sucessores, provocando uma reacção mais forte contra a Alemanha, especialmente por parte dos povos germânicos da América e da Inglaterra, causou a ruína dessa laboriosa criação. O que politicamente virá a ser a Alemanha actual, ninguém o pode prever. Mas a sua Cultura, baseada na herança greco-romana, há-de subsistir, especialmente quando, após um período de exagerados nacionalismos, entrarmos numa época mais acentuadamente internacional. «DAS REICH MUSS UNS DOCH BLEIBEN» (23).

(*) A primeira emigração conhecida dos Germanos foi a dos Bastarnas, que no século III a. C. apareceram no Baixo Danúbio. A última foi a dos Lombardos, para a Itália, no ano 568 de J. C. (22).